

Educação e Religião no pensamento de Darcy Ribeiro

Education and Religion in the thought of Darcy Ribeiro

*Moisés Abdon Coppe**

Resumo

Este artigo procura apresentar alguns dos paradoxos presentes no pensamento do antropólogo, educador e político Darcy Ribeiro (1922-1997), evidenciando a sua relação crítica com a religião oficial e a sua luta pela educação pública no contexto brasileiro. Apresenta também os paradigmas primeiros que nortearam os rumos da possível Faculdade de Teologia Ecumênica, na Universidade de Brasília.

Palavras-chave: Educação; religião; teologia; paradoxo; política.

Abstract

This article presents some of the paradoxes in the thinking of the anthropologist, educator and politician Darcy Ribeiro (1922-1997), showing its critical relationship to official religion and their struggle for public education in the Brazilian context. It also presents the first paradigms that guided the direction of the possible School of Ecumenical Theology, at the University of Brasilia.

Keywords: Education; religion; theology; paradox; politics.

Introdução

Há 18 anos morreu Darcy Ribeiro, em fevereiro de 1997. Nascido em Montes Claros, Minas Gerais, foi ele um autêntico pensador brasileiro que viveu 75 anos, fazendo na vida, de tudo um pouco.

Morreu como senador da República, depois de ter sido ministro da Educação, ministro chefe da Casa Civil, vice-governador do Rio de Janeiro, secretário de Cultura do Rio de Janeiro, secretário de Desenvolvimento Social de Minas Gerais. Escreveu romances, ensaios antropológicos, ensaios sobre educação e análises críticas da história do Brasil e da América Latina. Só de artigos, palestras, conferências e ensaios que nunca foram reunidos em livros, Darcy escreveu perto de uma centena. Foi indigenista, antropólogo, agitador, conspirador, mas gostava de ser chamado de educador – coisa, aliás, que também era. (Nepomuceno, 2001, p. 9,10).

Como intelectual de várias peles, Darcy se viu envolto em projetos que visavam entender o “fazimento” do Brasil. Ele jamais se recolheu

* Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: macoppe@gmail.com

especificamente aos claustros acadêmicos. Era homem apaixonado pelo povo brasileiro e nunca deixou de pensar a existência e o sagrado da vida de uma forma excêntrica. Exemplificamos nossa constatação com as suas palavras: “Fracassei em tudo que tentei na vida. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei alfabetizar as crianças, não consegui. Tentei fazer uma universidade séria, não consegui. Mas meus fracassos são minhas vitórias. Detestaria estar no lugar de quem me venceu”. (Nepomuceno, 2001, p. 57).

A relação entre educação e religião em Darcy levou-nos à busca de outras múltiplas referências do pensamento deste autor¹. Para nós, o estudo da obra de Darcy Ribeiro é um desafio estimulante, pois é ela um horizonte aberto para se pensar o Brasil contemporâneo.²

Neste artigo, em especial, vamos considerar a relação paradoxal entre a crítica que ele fazia da religião oficial e sua vontade de “sagrado”, não necessariamente nessa ordem.

1. Paradoxos entre Educação e Religião

Ao longo de sua trajetória histórica e jornada de vida, Darcy Ribeiro sempre se envolveu nas lutas inerentes a uma educação para todas as gentes numa configuração pública. Isso começou de forma mais precisa a partir da amizade com Anísio Teixeira, que foi decisiva para todos os desencadeamentos que o levaram, posteriormente, à política. Darcy confessa que Anísio exerceu forte influência em sua vida. Ele costumava dizer que tanto Rondon como Anísio eram seus alter egos. Dizia:

“Um, meu santo-herói, é Rondon, com quem convivi e trabalhei por tanto tempo, aprendendo a ser homem. Outro, meu sábio-santo, é Anísio. Por que santos os dois? Sei lá... Missionários, cruzados, sim, sei que eram. Cada qual de sua causa, que foram ambas causas minhas. Foram e são: a proteção aos índios e a educação do povo”. (Ribeiro, 1986, p. 205).

O anelo por uma educação pública sempre esteve na pauta da reflexão darcyniana. Sua luta por uma lei mais democrática para a educação provocou uma crise com as escolas confessionais.

O que se debatia, em essência, era, por um lado, o caráter da educação popular que se devia dar e, por outro lado, como destinar ao ensino popular os escassos recursos públicos

disponíveis para a educação. Não nos opusemos jamais à liberdade de ensino no sentido do direito, de quem quer que seja, a criar qualquer tipo de escola a suas expensas, para dar educação do colorido ideológico que deseja. Nos opúnhamos, isso sim, em nome dessa liberdade, a que o privatismo se apropriasse, como se apropriou, dos recursos públicos para subsidiar escolas confessionais ou meramente lucrativas. (Ribeiro, 1997, p. 226).

Muitos embates ocorreram entre a dupla – Anísio e Darcy – e a elite intelectual católica. A igreja, segundo Darcy, se considerava dona de um projeto educacional privado, mas, mediante o avanço do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – INEP, sentia-se ameaçada pelo projeto de uma escola pública. Ao defender o ideal de Anísio e, conseqüentemente, do INEP, Darcy aponta:

Anísio trazia o ideal de uma escola pública democrática e, como a pensada por Dewey, destinada a abrir uma porta para que o povo brasileiro ingressasse na civilização moderna, fundada numa cultura letrada. Essa escola interromperia o processo de multiplicação que renovava, desde sempre, a população brasileira, mantendo-a igual a si mesma: ignorante e faminta. Mas devotada ao trabalho servil ou livre, sempre temente a Deus, conformada com seu triste destino terrenal. Sabia que a verdadeira vida começa é depois da morte, cantando incansavelmente a glória de Deus. Tinham outras razões com Anísio. Outro doido saíra de seus quadros, séculos antes, dizendo que a melhor forma de rezar era ler a Bíblia, traduzida por ele para o dialeto alemão que falava. Desde então avança em ondas sobre o mundo, com igrejas convertidas em escolas. (Ribeiro, 1997, p. 230).

Darcy faz explícita referência a John Dewey³ e a Martinho Lutero. No livro *Noções de Coisas* ele faz uma alusão ao reformador do século XVI, na seguinte crônica:

Dizem que a primeira e maior invenção foi o fogo. Seria? E a fala? Não é mais importante? Outros querem que a primeira invenção seja a roda. Até pode ser. Mas aqui, nas Américas, os incas e astecas não usavam rodas e se davam muito bem. Para mim, invenção importante mesmo foi o alfabeto. Antes, alguns povos escreviam com ideogramas, que não representavam os sons da fala, mas, sim, as ideias. Era um bom sistema, porque permitia aos chineses, aos coreanos, aos japoneses lerem, cada qual na sua língua, as mesmas escrituras. Era ruim, porque se precisava decorar mil a dois mil ideogramas para ler ou escrever. A escrita alfabética, mais recente, é melhor. Seu defeito é ficar presa à língua. Sua vantagem é a facilidade com que se alfabetiza. O primeiro grande movimento de alfabetização começou com Lutero, quando ele fundou o protestantismo. Sua ideia genial foi a de que a forma suprema de rezar era ler a bíblia. Com isso, converteu todas as igrejas em escolas e os países protestantes tiveram logo a vantagem de que grande parte

de sua população se alfabetizou. A outra forma de generalizar a alfabetização foi a cívica, em que o Estado assumiu a obrigação de alfabetizar a todos para formar cidadãos conscientes. Essa forma de alfabetização cívica começou com Napoleão, na França. Mas se expandiu mesmo foi nos Estados Unidos onde se generalizou, rapidamente, uma escola pública, comum a todos. Inclusive aos negros, embora estes, discriminados, enfrentassem maiores dificuldades. Não seria a escola pública, formadora de uma cidadania lúcida, de um corpo de trabalho moderno, a maior das invenções? Uma das dores que me doem é ver o descaso dos mandachuvas do Brasil para com a educação. Os idiotas não sabem que, sem alfabetizar toda a criançada, o Brasil não dará certo. Ou será que eles não ligam, porque querem deixar o Brasil tal qual é, porque para eles é mais lucrativo? (Ribeiro, 2000, p. 63).⁴

Darcy, ao considerar a importância da escola pública, sempre se remete a Lutero, o monge agostiniano que se tornou ícone do movimento da Reforma na Alemanha. É claro que a evidência de Darcy ao movimento promovido por Lutero visa tão somente estabelecer críticas a uma escola motivada única e exclusivamente pela cristandade oficial. Darcy não gostava de saber que as escolas confessionais, principalmente católicas, usavam as verbas públicas e mesmo o *status quo* para se estabelecerem. Ao falar a respeito das diferenças entre protestantes e católicos, Darcy tece uma consideração *sui generis*:

Os seus pastores são gente ingênua que só tem a Bíblia na cabeça. Casados e falando o linguajar do povo, eles contrastam cruamente com os celibatários sacerdotes católicos, bem formados nos seminários. Estes comportam-se como funcionários de Deus, burocratas que não admitem milagres. Os pastores, ao contrário, operam dentro do espírito pentecostal, dizendo que Deus está vivo e acessível e que o Espírito Santo está solto, milagrando mundos afora. A Igreja não combate os cultos pentecostais como combate os cultos afro-brasileiros e como persegue Anísio. Saído de seus quadros, formado em colégio jesuítico, levado a Roma para bênção papal, cuidado por longos anos como sua grande promessa depois de Vieira. Inexplicavelmente, Anísio, depois da visita a Roma em que recebe a bênção papal, vai estudar educação nos Estados Unidos. Lá se converte à educação democrática, convencido de que a escola pública é a maior invenção do mundo e a única capaz de integrar o Brasil na civilização vigente. (Ribeiro, 1997, p. 230-231).

Em outro momento, Darcy estabelece aquilo que podemos aqui salientar como uma dicotomia educacional:

Com efeito, há duas orientações culturais suscetíveis de promover a educação do povo. Uma é a luterana, inspirada na comunidade protestante. Ensina todos os seus membros a ler,

porque ler é o ato supremo da fé. É seu modo de rezar. Onde a leitura da bíblia se tornou a linguagem de comunicação com Deus, se teve de ensinar o povo a ler, para rezar. Desde que aprendendo a ler se aprenda também a escrever e contar, a igreja se converteu em escola. Assim é que se criaram as escolas comunitárias alemãs e norte-americanas. Entre nós, a educação, não podendo ser comunitária, porque não temos essa tradição, tem que ser napoleônica. Caímos, assim, na outra vertente educacional que é a cívica. Nesta, é o Estado que toma a deliberação de ensinar a ler, escrever e contar, para formar o cidadão. Como é óbvio, não se baseia no pastor protestante – o sacerdote que ensina rezando – mas na professorinha primária com seu quadro-negro, seu giz e sua capacidade de doutrinar, para formar o cidadão, para construir a gente nacional que falará a língua comum, já não o dialetal; e o povo que organizará a nação através do voto. Essa outra linha leva à educação federal. (Ribeiro, 1986, p. 207).

Em uma palestra proferida na 29ª. Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, realizada em São Paulo, em julho de 1977, Darcy discursa sobre a educação, visando entender por que a educação no contexto brasileiro não decolou como deveria. De forma enfática, Darcy afirma que as classes dominantes nunca permitiram o desenvolvimento do Brasil. Ao final da sua apresentação, ele tece as mais irônicas críticas ao MOBRAL.⁵ Entretanto, antes de abordar os pormenores sobre as suas constatações a respeito da educação, Darcy expressa:

Nosso tema é o óbvio. Acho mesmo que os cientistas trabalham é com o óbvio. O negócio deles – nosso negócio – é lidar com o óbvio. Aparentemente, Deus é muito treteiro, faz as coisas de forma tão recôndita e disfarçada que se precisa desta categoria de gente – os cientistas – para ir tirando os véus, desvendando, a fim de revelar a obviedade do óbvio. O ruim deste procedimento é que parece um jogo sem fim. De fato, só conseguimos desmascarar uma obviedade para descobrir outras, mas óbvias ainda. (Ribeiro, 1986, p. 15).

E continua, propondo uma parábola:

Para começar, antes de entrar na obviedade educacional – que é o nosso tema –, vejamos algumas outras obviedades. É óbvio, por exemplo, que todo santo dia o sol nasce, se levanta, dá volta pelo céu e se põe. Sabemos hoje muito bem que isto não é verdade. Mas foi preciso muita astúcia e gana para mostrar que a aurora e o crepúsculo são tretas de Deus. Não é assim? Gerações de sábios passaram por sacrifícios, recordados por todos, porque disseram que Deus estava nos enganando com aquele espetáculo diário. Demonstrar que a coisa não era como parecia, além de muito difícil, foi penoso, todos sabemos. (Ribeiro, 1986, p. 15).

Assim, em tom jocoso, Darcy abre as cortinas de suas intuições, revelando o desafio que terá diante de si e de seus interlocutores, para demonstrar o problema como ele é, sem especulações espirituosas.

2. A Faculdade de Teologia Ecumênica

Além de sua luta por uma educação pública e integral para todas as gentes, é preciso considerar, em linhas gerais, a temática que envolve, nessa relação paradoxal entre educação e religião, o anseio darcyniano de criar no Brasil um autêntico curso de Teologia Ecumênica. Entretanto, o governo militar que assumiu o poder público em 1964 o impediu de assim fazê-lo. De fato, a criação de uma Faculdade de Teologia Ecumênica fazia parte das aspirações de Darcy, mas não podemos deixar de considerar que foi Agostinho da Silva, filósofo, pedagogo salazarista e defensor dos direitos humanos luso-brasileiros, quem deu força, forma e projeção ao projeto. Segundo Alves de Sá, no que se refere às questões religiosas, Agostinho da Silva

certamente, foi um convicto crente no Jesus Cristo do Sermão da Montanha, mas também, um admirador do budismo que considerava muito próximo de um ateísmo esclarecido e um posicionamento de dúvida que ia da crítica ao catolicismo de Roma à aceitação parcial da contestação de Espinosa às crenças em deuses antropomórficos, consideradas superstições, fruto da ignorância. (Alves de Sá, 2012, p. 23).

Assim, além de suas convicções pessoais e de sua participação ativa na fundação da Universidade de Brasília, foi Agostinho quem idealizou a criação da Faculdade de Teologia que deveria abraçar todos os representantes das mais variadas confissões de fé e atitudes reflexivas existentes no Brasil, inclusive as de tradição africana. Agostinho percebia que o país não era monoteísta tão somente. As pessoas vivenciavam as suas experiências religiosas de formas distintas de acordo com ritos assimilados e festas litúrgicas. Na cabeça dele, inclusive, haveria a possibilidade das pessoas de acessarem a esta Faculdade “livremente sem exigência alguma da Universidade, sem sequer se colocar em questão se tinham instrução primária ou não”. (Alves de Sá, 2012, p. 24). Nessa mesma linha:

A Faculdade de Teologia teria a incumbência de abarcar as religiões da América, da África e da Ásia no que tivessem de ecumênico e todo ateísmo e agnosticismo, consolidando a abertura a conversas interculturais e inter-religiosas, à

ritualização das origens e dos ancestrais por meio de variadas mediações simbólicas e ritos adequados a circunstâncias de cada grupo. (Alves de Sá, 2012, p. 23).

Agostinho achava que o sentido que todas as religiões procuravam ou apontavam estava na ideia de universo. Por isso, para ele, uma teologia que almejasse uma explicação mais abrangente do universo deveria incluir em sua pauta de discussão tudo aquilo que lhe parecesse adversário. Nessa Faculdade, as pessoas deveriam chegar livres dos preconceitos que impediriam a apreensão de novos conhecimentos das culturas entre culturas.

Entretanto, essa educação teológica de caráter libertário e ecumênico, deveras “conversável”, disposta a alargar nossos traços identitários, provocaria acusações esquerdistas à nova Universidade pelas forças conservadoras, posteriormente, militares. Para evitá-las ao máximo, o reitor Darcy Ribeiro, achando demasiado audaciosa a proposta do professor Agostinho - que acompanhava os fluxos de modernidade - criou uma Faculdade de Teologia de cunho católico, sob a direção de Frei Mateus, um representante dos dominicanos, que foi expulso da UnB pela revolução dos coronéis em 1964. As restrições impostas pelo regime militar à UnB favoreceram as fragmentações das relações humanas, provocando a saída de professores e dissolvendo a cumplicidade mantida entre seus segmentos dando fim, em 1972, à outra proposição de Agostinho da Silva: o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses (CBEP). (Alves de Sá, 2012, p. 23).

O Frei Mateus Rocha recebeu a incumbência de promover a Faculdade de Teologia Ecumênica que tivesse por ideal uma revolução do pensamento religioso, quem sabe com a formulação de uma “Teologia da Revolução Brasileira”. Esse episódio fica assim registrado nas palavras de Darcy:

Procurei em São Paulo o Geral, no Brasil, da Ordem, que era Frei Mateus Rocha, e lhe expus o meu problema. Argumentei que o Brasil tinha oito universidades católicas, quatro delas pontificias, que formavam milhares de farmacêuticos e dentistas, mas não formavam nenhum teólogo. Propus entregar aos dominicanos a criação de um Instituto de Teologia dentro da Universidade de Brasília. Seria um ato revolucionário, porque a teologia, expulsa das universidades públicas desde a Revolução Francesa, a elas voltariam, justamente na mais moderna universidade que se estava criando naqueles anos. (Ribeiro, 1995).

O frei ficou encantado com a ideia e partiu para Roma, a fim de conversar com o geral da ordem, bem como com o papa João XXIII. Depois de mais de um mês, o frei retornou ao Brasil e disse a Darcy que tudo estava indo

como de conforme, afirmando que: “Neste momento, toda a Igreja sabe que não haverá universidade católica em Brasília. Sabe também que haverá um Instituto de Teologia Católica, a cargo da ordem dominicana”. (Ribeiro, 1997, 239). No Plano Diretor da UnB, assim se evidencia as linhas gerais do citado instituto:

A Universidade aspira abrigar no seu campus uma série de órgãos complementares de estudo e de pesquisas mediante convênio com instituições do mais alto padrão acadêmico. Dentre essas se destacará o Instituto de Teologia Católica, cuja organização e manutenção ficará a cargo da Ordem Dominicana do Brasil que, em colaboração com os seus ramos europeus, poderá organizar-se para dar cursos de formação e especialização nesse campo, dentro do mais alto nível universitário, até o grau de doutoramento. (Ribeiro, 1992, p. 200).

Entretanto, independente de todos os ventos favoráveis em prol da formação deste instituto, os ventos mudaram e Darcy acaba por enfatizar porque o projeto não foi à frente.

Quando a ditadura se lançou com toda a fúria contra a universidade, tentando de todos os modos destruí-la, a primeira coisa que atacaram foi o Instituto de Teologia Católica, que viam como a união dos católicos com os comunistas. Frei Mateus tinha conseguido dinheiro dos alemães para construir os prédios projetados por Oscar Niemeyer para o instituto. (Ribeiro, 1997, p. 238).

Darcy participou ativamente de vários encontros engajados que visavam a reflexão sobre os indígenas. Participou, por exemplo, da conferência do Conselho Mundial de Igrejas – CMI, em Barbados, que ocorreu entre os dias 25 a 30 de janeiro de 1971. Dessa conferência, nasceu a "Declaração de Barbados pela Libertação do Indígena". O único brasileiro a assinar esse documento foi Darcy, pois ele estava exilado no Chile. Os demais tinham receios das represálias do governo brasileiro. Em suas *Confissões*, Darcy narra que esse encontro que reuniu antropólogos, indigenistas, missionários e índios, visava o estabelecimento de uma política de defesa dos índios que definisse seus problemas e apontasse caminhos melhores. (Ribeiro, 1997, p. 410)⁶. Vemos nesse documento rudimentos do que poderíamos chamar de "Antropologia da Libertação"⁷.

Conclusão

Enfim, ciente do caráter introdutório de nossa abordagem, esperamos ter apresentado a relação paradoxal existente entre educação e religião no pensamento de Darcy, mesmo porque ele sempre se afirmou em público como um ateu. Logicamente, uma hermenêutica do seu pensamento necessita de outros múltiplos desdobramentos. Darcy ao expressar suas argumentações nos campos da educação e da religião, o faz com engajamento acadêmico, mas também com o cheiro do povo. Suas considerações atestam a expressividade de suas reflexões e de sua obra.

Bibliografia

ALVES DE SÁ, Lúcia Helena. Agostinho da Silva e José Luís Conceição Silva: professores luso-brasileiros na Universidade de Brasília. Participação. *Semana Universitária*. Disponível em: <www.seer.bce.unb.br/index.php/participacao/article/download/.../5937>. Acessado em 24 de abril de 2013.

NEPOMUCENO, Eric. *Somos todos culpados*. Pequeno livro de frases e pensamentos de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

RIBEIRO, Darcy. *Teoria do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

_____. *Sobre o Óbvio*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

_____. Plano Diretor da UNB. In.: *Carta*. Falas reflexões, memórias. Informe de Distribuição Restrita do Senador Darcy Ribeiro. (N. 1), 1992.

_____. *O nascimento da UNB*. 1995.

_____. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

¹ Ficamos surpresos ao constatar que coisa alguma havia sido escrito nessa linha. Não existem trabalhos acadêmicos pensando Darcy e religião.

² RIBEIRO, Darcy. *Teoria do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972. A tônica que move Darcy neste livro tem a ver com a pertinente busca pelo entendimento de Brasil, seja do passado ou do presente. Este autor quer entender o Brasil porque quer participar e influir no seu destino. Este livro foi escrito no período do exílio e essa circunstância foi responsável pelo seu tom candente – marcado pela paixão de todos os proscritos. Há uma ousadia nas argumentações que consideram a formação sociocultural do Brasil evidenciada no ser objetivo de instrumentalizar o brasileiro comum com um discurso mais realista e convincente apontando para a finalidade de que este venha a conhecer mais o Brasil, bem como convocá-lo à transformação da sociedade. A Teoria do Brasil nasce de quatro abordagens complementares: a. o estudo das formações econômico-sociais e a análise das formas que elas assumiram no Brasil; b. o estudo comparativo das configurações histórico-culturais que se registraram nas Américas e o exame do modo pelo qual se conformaram a sociedade e a cultura brasileira; c. a análise das formas de estratificação social empiricamente discerníveis no Brasil e das estruturas de poder que lhes correspondem; d. o exame crítico das construções culturais e ideológicas através das quais se vem elaborando a

consciência nacional. É da combinação dessas quatro análises que Darcy designa sua antropologia de *Antropologia Dialética*.

³ John Dewey é o nome da corrente filosófica que ficou conhecida como pragmatismo, embora ele preferisse o nome instrumentalismo - uma vez que, para essa escola de pensamento, as ideias só têm importância desde que sirvam de instrumento para a resolução de problemas reais. No campo específico da pedagogia, a teoria de Dewey se inscreve na chamada educação progressiva. Um de seus principais objetivos é educar a criança como um todo. O que importa é o crescimento - físico, emocional e intelectual.

⁴ Nas suas Confissões, Darcy deixa claro sua posição frente à questão da Bíblia. Em virtude de ter conhecido Cameron Thousand, um norte-americano criado do Instituto Linguístico de Verão, que formou milhares de missionários que se espalharam pelo mundo todo, deu-lhe apoio. Darcy se interessou pelo projeto do tio Cam, porque tendo convivido com muitos índios, sofria porque os via ameaçados de desaparecimento. Assim, facilitou o ingresso do instituto no Brasil, a fim de que os missionários linguistas salvassem a língua dos índios. Segundo ele próprio: “Em cada caso, um missionário com mulher e filhos ia viver de três a cinco anos com os índios, para aprender sua língua e registrá-la. Seu objetivo era tornar factível a tradução da Bíblia. Meu objetivo era salvar para os linguistas do futuro, que provavelmente saberão estudá-las, as línguas como cristalizações do espírito humano, para aprendermos mais sobre os homens. As esquerdas, em sua estupidez habitual, acham que os missionários são agentes da CIA. Bobagem. Se um espião tivesse que viver na selva com sua família por anos, junto a grupos indígenas, a CIA não recrutaria ninguém. Outros dizem que é pra aprender dos índios onde há poços de petróleo e minérios. Também bobagem. Eles estão lá para preparar a chegada do novo Cristo. Essa é a verdade, meio inverossímil, mas verdadeiríssima. E, do meu ponto de vista, lá estão para descrever línguas que de um outro modo desapareceriam sem deixar nenhum registro”. Conforme: Ribeiro, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 241.

⁵ O Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAF, era um movimento educacional estruturado pelo governo brasileiro, criado pela lei 5.379, de 15 de dezembro de 1967, que visava a alfabetização funcional de jovens e adultos. Visava "conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida". Conforme: <http://www.ilb.ufop.br/IIIsimposio/56.pdf>. Acessado em 24 de abril de 2015.

⁶ Disponível em http://www.missilogia.org.br/cms/UserFiles/cms_documentos_pdf_28.pdf. Acessado em 16 de maio de 2013.

⁷ Seria interessante desencadearmos uma discussão mais detida sobre os conflitos acadêmicos de Darcy com o binômio: educação e religião. Cabe afirmar nesse tópico que urge a necessidade de uma pesquisa mais acurada sobre o tema. Essa é mais uma pele dessa “cobra” chamada Darcy; é mais uma cor assumida por este “camaleão”, diante do espelho. Enfim, uma ponta da lança.

Recebido em 25/04/2015, revisado em 15/05/2015, aceito para publicação em 16/05/2015.